

Cap Extra ACOSF Feysand

Extra Feysand

Feyre

Bem, isso correu melhor do que eu pensava. — Rhys admitiu depois que todos tinham partido, encostando sua cabeça para trás contra o braço do grande sofá da sala de estudos. Nestha e Cassian haviam retornado à Casa do Vento, onde minha irmã havia prometido encontrar uma maneira de começar a procurar os Tesouros da Morte. Meu companheiro acrescentou ironicamente.

— Apesar daquele desastre com Elain e Nestha.

Eu havia voltado de conversar com minha irmã sobre o bebê — o menino — para encontrar Rhys deitado no sofá, um braço sob sobre seus olhos, aparentemente precisando de um momento de paz depois de suportar a exuberante euforia de Cassian e Azriel.

Eu mergulhei no sofá ao lado do Rhys, levantando suas pernas musculosas para balançar sob elas. — Elain mostrou alguns dentes. — Eu observei. — Eu não estava esperando isso. — Ou o que ela havia dito sobre seu trauma persistente. Eu quis dizer o que tinha discutido com Nestha. Quantas vezes eu tinha me concentrado apenas no meu terror durante o sofrimento de Elain? Rhys me observou através de olhos meio fechados, o retrato da graça ociosa.

Mas ele disse com cuidado. — Como você se sente a respeito disso?

Eu encolhi os ombros, encostando minha cabeça para trás contra as almofadas. — Culpada. Ela dirigiu tudo isso a Nestha, mas eu também

mereço.

Elain e eu tínhamos ficado mais próximos desde que a guerra com Hybern havia terminado. É verdade, eu poderia nunca sair para beber com ela do jeito que bebi com Mor, e às vezes com Amren, mas... bem, com um bebê vindo, eu não podia beber de qualquer maneira. E embora eu pudesse nunca correr para Elain primeiro com problemas ou para pedir conselhos, nós tínhamos um entendimento pacífico e amigável. Eu a achei uma companheira agradável.

Fiquei imaginando se ela se ressentiria desse julgamento. Certamente que sim.

Rhys perguntou — Você já viu Elain agir dessa maneira antes?

— Não. — Eu mordi meu lábio inferior. O olhar de Rhys acompanhou o movimento. — Ela tem sido corajosa quando tinha que ser, mas nunca foi conflituosa.

— Talvez ela nunca tenha tido a chance de ser assim.

Eu bati minha cabeça em sua direção. — Você acha que eu a sufoco?

Rhys ergueu suas mãos. — Não só você. — Ele pesquisou o estudo como ele pensava. — Mas eu me pergunto se todos passaram tanto tempo assumindo que Elain é doce e inocente que sentiu que tinha que ser assim ou então ela "desapontaria a todos vocês". — Ele suspirou em direção ao teto. — Com tempo e segurança, talvez venhamos a ver um lado diferente dela emergir.

— Isso soa perigosamente perto do que Nestha disse sobre Elain finalmente se tornar interessante.

— Às vezes, Nestha não está errada.

Eu brilhava no Rhys. — Você acha que Elain é chata?

— Acho que ela é gentil, e eu vou levar a gentileza por cima da grosseria a qualquer dia. Mas também acho que ainda não vimos tudo o que ela tem a

oferecer. — Um canto de sua boca puxado para cima. — Não esqueça que a jardinagem muitas vezes resulta em algo bonito, mas envolve sujar as mãos ao longo do caminho.

— E dilacerado por espinhos. — Lembrei de uma manhã no verão passado, quando Elain entrou em casa, sua palma direita sangrando de vários cortes, graças a uma roseira teimosa que havia perfurado suas luvas.

Os espinhos haviam quebrado em sua pele, deixando luvas com farpas afiadas que eu tinha que puxar livre.

Não ousei mencionar que se ela estivesse usando as luvas encantadas que Lucien tinha conseguido seu último solstício, nada as teria perfurado.

Eu suspirei, sem esfregar o estômago vazio. — Vamos nos concentrar em ajudar uma irmã antes de começarmos pela outra.

— De acordo. — Rhys arrastado.

Eu o prendi com um olhar. — Você realmente precisava dar a Nestha aquele olhar de morte mais cedo?

Ele se sentou, a alma da inocência. — Eu não sei do que você está falando, Feyre querida. — Ele se inclinou, e o ar cintilou brevemente enquanto o escudo ao meu redor caía. Os lábios dele passaram por cima da minha bochecha.

— Eu nunca faria uma coisa dessas. Você deve estar pensando em seu outro companheiro.

— Sim, o cruel, superprotetor, meio-insano. — Eu sorri enquanto ele beijava minha mandíbula, depois meu pescoço. Meus dedos dos pés encaracolados.

— Cruel? — Rhys ronronou a palavra contra a minha pele. — Você me feriu.

Deixei-o me deitar nas almofadas, saboreando o peso dele enquanto se preparava em seus cotovelos. — Você parece feliz. — disse ele, seu sorriso

suave e terno de uma forma tão pouco comum no mundo, além do que Velaris jamais viu.

— Eu estou feliz. — disse eu. — Estou feliz por nossa família poder compartilhar de nossa alegria.

— Por mais difícil que meu relacionamento com Nesta tenha se tornado, ela havia iluminado algo em meu peito quando nos parabenizou.

— Se você acha que eu sou superprotetor. — disse Rhys, seu cabelo escuro deslizando sobre seu rosto. — Então é só esperar que Mor chegue de Vallahan em casa. Você nunca sairá de casa sem uma escolta.

— Pensei que Azriel e Cassian seriam os únicos com quem se preocupar.

— Eles serão maus. Mas Mor provavelmente acrescentará um segundo escudo a você e aparecerá seis vezes ao dia para ter certeza de que você está comendo e dormindo o suficiente.

Eu gemi. — A Mãe que me poupe.

— Hmmm — disse Rhys, seus olhos quase chacoalhando enquanto brincava com a ponta da minha trança.

Durante um longo minuto, sorrimos um para o outro. Eu bebi em cada plano elegante de seu rosto, cada brasa de calor e felicidade que irradiava dele. — Cassian disse que você tem estado mal-humorado. Por quê?

Eu acreditava em Cassian, mas Rhys não tinha estado nada mal-humorado ao meu redor. Sempre que meu amigo me olhava ultimamente, só o amor puro brilhava em seus olhos.

Eu nunca esqueceria o momento em que aprendemos que eu estava carregando nosso filho aquele lindo menino que o Trinchador de ossos uma vez me havia mostrado. Eu estava sentada em um cavalete na galeria tarde da noite, pintando um pesadelo que eu tinha tido no dia anterior. As crianças tinham ido para casa, e eu tinha sido o único lá — o que era incomum hoje em dia — e fiquei com alguma rara energia extra após as

aulas.

As coisas que as crianças pintaram muitas vezes me deixavam em lágrimas, embora eu tivesse sempre o cuidado de escondê-las. Mas apesar das emoções complicadas que este trabalho diário havia despertado em mim, ele se mostrou gratificante de uma maneira que eu nunca havia previsto. De certa forma, toda a minha considerável magia nunca me havia feito sentir.

E a única coisa a fazer com esses sentimentos era pintá-los.

O pesadelo havia me deixado desequilibrado o dia inteiro, permanecendo na minha mente como uma espécie de contusão. Eu tinha voltado para debaixo da montanha, uma vez mais enfrentando minha segunda prova, aqueles picos irregulares descendo para me empalar se eu não pegasse a alavanca correta a tempo. De alguma forma eu me tornaria analfabeto novamente, incapaz de decifrar as marcas na parede, forçado a escolher minha salvação ou desgraça ao acaso. Rhys tinha me salvado na época — mas no sonho, ele não tinha estado lá.

Apenas Amarantha tinha estado presente, o Rei de Hybern uma sombra atrás dela, e de alguma forma ninguém sabia onde eu estava, que eu tinha sido arrastado de volta aqui porque ela tinha aprendido que eu de alguma forma havia me enganado da primeira vez, e que eu nunca escaparia, nunca escaparia, nunca escaparia...

Esse foi o último pensamento que tive antes de me forçar a acordar — úmido de suor, meu coração trovejando em meu peito. Rhys tinha mexido, me aconchegando em seu lado, sua asa varrendo sobre nós dois, e embora eu tivesse me aconchegado em seu calor e força, o sono verdadeiro não tinha me encontrado novamente.

Então eu tinha esperado até que as crianças tivessem saído do estúdio para o dia antes de atravessar sobre uma tela em branco e minha paleta. Fiz uma xícara quente de hortelã-pimenta e chá de raiz de alcaçuz, e peguei meu pincel.

Eu estava pintando aquele pesadelo há quase duas horas, de costas para a porta, quando Rhys entrou. Ele permaneceu em silêncio absoluto. Não era o

silêncio contente em que ele às vezes caía enquanto me observava pintando.

Era um silêncio puro e chocado.

Eu me torcia para olhar para ele bem a tempo de vê-lo bater de joelhos. E então ele estava chorando, e rindo, e tudo o que eu conseguia perceber em seu balbuciar extasiado era uma

palavra: bebê. Eu tinha saltado do banco. Eu também estava chorando quando me lancei em seus braços, derrubando- nos aos dois no chão, e ele punha uma mão no meu estômago em espanto.

Algo havia mudado em meu cheiro desde que eu me despedi daquela manhã, talvez até mesmo desde que me despedi das crianças. A vida tinha finalmente se enraizado dentro de mim.

Tínhamos nos deitado juntos no chão, nossas risadas e nossas lágrimas se misturando, e só quando nos acalmamos é que eu o tinha beijado. Nossas roupas tinham desaparecido depois disso, e eu o tinha montado no chão do estúdio, deixando a luz dentro de mim brilhar o suficiente para lançar sombras através da sala. Ele tinha começado a chorar novamente enquanto me via em movimento, lágrimas silenciosas correndo através da noite beijada por estrelas derramando dele, e quando eu me inclinei para lambê- las, ele tinha chegado ao clímax com tanta força que me enviou em espiral ao meu próprio pico.

E agora, assim como ele havia feito depois daquele tempo no estúdio, seus dedos começaram a traçar círculos ociosos sobre meu estômago, até meus seios, já pesados e doloridos de uma forma que não tinha nada a ver com a construção do desejo entre minhas pernas. Tinha sido um dos primeiros sinais, além do vômito que ultimamente tinha sido quase 24 horas: meus seios, inchados e doíam.

Rhys circulou um dos meus mamilos, e ele endureceu sob seu toque. Ele o observava empinando minha camisa, como um gato observando um rato.

— Rhys — Eu disse quando minha pergunta ficou sem resposta. — Por que Cassian disse que você tem estado mal-humorado?

Ele fechou a boca ao redor do meu peito, com os dentes me pastando pela camisa — Sem razão. — Mentiroso. — Eu puxei o cabelo dele, forçando-o a levantar a cabeça. — Me diga.

Ele sacudiu minha mão e enfiou seu rosto na lateral do meu pescoço, baixando seu corpo o suficiente para me mostrar precisamente como isso iria acabar. Eu não consegui impedir que meus quadris se levantassem para conhecê-lo. Outro sinal precoce: Eu estava com muita fome. Não só por comida.

Tinha havido noites em que mal tinha esperado que Rhys entrasse no quarto antes de arrancar sua roupa, antes de cair de joelhos e levar seu pinto no fundo da boca, ou de pedir-lhe que me fodesse contra a parede. Houve dias inteiros em que eu me virei, precisando tanto dele dentro de mim que usei meus daemati presentes para pedir que ele me encontrasse na casa da cidade durante o almoço, já que era mais perto do estúdio do que de nossa nova casa.

Esta linda e perfeita casa que tínhamos construído — com um berçário que, se o Caldeirão deixasse, seria ocupado algum tempo mais tarde nesta primavera.

Rhys havia igualado minha fome implacável à sua própria. Às vezes íamos devagar, saboreando cada centímetro um do outro, a encarnação fazendo amor. Outras vezes - geralmente - era uma foda pura e dura. Ainda esta manhã, eu estava tão cheio de necessidades que mal tínhamos passado por um café da manhã particular em nosso quarto antes de subir em seu colo e montá-lo até que ambos ficamos sem sentido com prazer.

Eu tinha perguntado a Madja sobre isso ontem — se era... normal querê-lo tanto.

Sim, ela tinha respondido, olhos brilhantes. Muitas mães expectantes não falam sobre isso, mas tem a ver com a essência alteradora de seu corpo. Não posso lhe dizer por que isso acontece, mas é normal. Aproveite cada momento disso.

Rhys disse contra o meu pescoço. — Tenho estado mal-humorado porque não estou dormindo. — Ele lambeu o lado da minha garganta, e a mão dele se enfiou nas minhas calças. Eu não o parei, não quando seus dedos encontraram minha boceta toda molhada esperando por ele. Ele soltou um rosnado de prazer. — Viu?

Eu sabia que ele estava se cobrando, e deixei-o deslizar. Eu tinha aprendido que Rhys me diria o que o estava incomodando quando ele estava bom e pronto. Talvez Cassian tivesse o interpretando mal — talvez tivesse sido dirigido à minha irmã.

Eu sabia que isso era improvável.

Mas enquanto Rhys deslizava seus dedos dentro de mim, estabelecendo um ritmo maliciosamente preguiçoso, eu o deixei cair. Sempre foi parte de nossa amizade: dar um ao outro o espaço para decidirmos quando estávamos prontos para conversar.

E depois houve nossa barganha final, que nos deixou encantados desde que derrotamos Hybern... Eu o beijei profundamente, com a língua emaranhada com a dele. Não passaríamos um momento neste mundo sem um ao outro. Só podia rezar para que nosso filho encontrasse um dia tal amor.

Rhys me levou à beira do clímax, e então sua mão e minhas roupas se foram.

Ele desabotoou suas calças com uma lentidão zombeteira, observando meu rosto enquanto ele se libertava de seu considerável comprimento. Ele observou meu rosto o tempo todo em que escorregou em mim em um único e poderoso empurrão, parecendo saborear cada um dos meus gemidos e apelos sem fôlego enquanto ele se movia profundamente dentro de mim.

Como se ele estivesse memorizando — tudo isso.

Quando estávamos ambos ofegantes, o rosto de Rhys ainda estava enterrado em meu pescoço, meus dedos se entrelaçando ociosamente em sua camisa úmida, eu disse. — Agora que os outros sabem, parece real.

Rhys sabia o que eu queria dizer. — Ainda há uma pessoa para contar.

Eu sorri, puxando o cabelo dele para que ele olhasse para mim. Rhys obedeceu, olhando para o meu rosto. — Você quer dar a notícia a Mor ou eu posso?

Ele a conhecia há mais tempo, mas eu a considerava minha amiga mais querida. Uma irmã, talvez mais do que as minhas.

— Acho que devemos deixá-lo contar a ela. — disse Rhys, acenando com a barriga para baixo.

Eu arqueei uma sobancelha. — Como?

Ele sorriu ironicamente. — Da próxima vez que Mor estiver em casa, deixaremos cair o escudo ao seu redor. Veja quanto tempo ela leva para perfumar você. E ele.

Eu sorri de volta. — Eu gosto disso. — Já desejava ter alguma forma de capturar o rosto de Mor naquele momento. Passei a mão pelo cabelo de seda de Rhys. — Você tem algum nome em mente?

Rhys sorriu. — Ah, sim.

— Eu não confio nesse sorriso nem por um momento.

— Por quê? — Ele puxou de mim e, com uma onda de sua magia, fomos ambos limpos. Eu sufoquei a fome crescente em mim ao vê-lo se aconchegando de novo em suas calças. — Eu nunca lhe daria um nome ridículo.

— Eu não acredito em você. — Eu bati no nariz dele. — Seu sobrenome...

— Não vamos falar do meu sobrenome. — disse ele, batendo na ponta dos meus dedos.

Eu ri. — Tudo bem.

Mas os olhos dele se escureceram. — E quanto a nomeá-lo em homenagem a seu pai?

Meu coração estava tenso. — Você ficaria bem com isso?

— Claro que sim.

Tive que engolir o aperto na garganta enquanto me sentava, de frente para ele completamente.

— Talvez por um nome secundário, mas... não. Eu quero que nosso filho tenha um nome próprio. Nosso filho. As palavras eram estrangeiras, mas adoráveis em minha língua. Rhys acenou com a cabeça, com o rosto amolecido, como se as palavras também o movessem.

Eu já podia ver o pai que ele se tornará — vê-lo rindo enquanto ele jogava nosso filho no céu, vê-lo dormindo com o menino nesse mesmo sofá, livros deixados em aberto no colo. Nosso filho nunca, nem por um momento, duvidaria de que ele fosse amado e acarinhado. E Rhys iria até os confins do mundo para protegê-lo.

Eu sorria para os devaneios, com as mãos já doendo para pintá-los. Rhys soltava um zumbido de contemplação. — E quanto a Nyx? Eu pestanejei. — Nyx?

Rhys apontou para uma das paredes dos livros do estudo. Um livro de couro preso flutuou em direção a seus dedos abertos. Ele virou sem palavras para uma página e depois passou para mim.

Eu digitalizei o texto dentro dele. — Uma antiga deusa noturna?

— Por volta da época dos Tesouros da Morte, na verdade. — disse Rhys. — Ela foi quase sempre esquecida agora, mas eu gosto do som do seu nome. Por que não usá-lo para um menino?

— Nyx... — Voltei a pensar, o nome ecoou no estudo silencioso. Pincelei meus dedos tatuados sobre meu estômago. A mão de Rhys veio sobre a minha, e ambos sorrimos para a pequena vida que se formava dentro do meu corpo.

— Nyx. — Eu disse uma última vez, e poderia ter jurado um brilho de poder noturno, em resposta. Rhys sugou em uma respiração afiada, como se também tivesse sentido aquele grão de poder. Juntos, olhamos para nossas mãos unidas, meu estômago sob elas.

Juntos, olhamos para nosso filho, e eu ofereci meus silenciosos agradecimentos à Mãe pelo belo futuro que floresceu diante de nós.